

SERRARIAS

Ana Reis Nascimento
anareisn@hotmail.com
Licenciatura em Dança - UFG

Carolina Ferreira da Fonseca
caca.fonseca@gmail.com
Arquitetura e Urbanismo - UFBA

A narrativa visual expõe a trajetória do objeto escultórico, constituído pela articulação de serras circulares de antigas madeiras, já sucateadas e inoperantes. Esta trajetória perpassou a dimensão escultórica, a instalação na paisagem e, posteriormente, instaurou a possibilidade de uma experimentação performática. Estas configurações foram exploradas a partir da fotografia, no sentido de criar uma narrativa em torno da seguinte provocação: que poéticas se constituíram nessa trajetória? Este processo de criação foi desdobrado na residência artística “Topografia aérea: uma fábula sobre poleiros e artistas”, realizada na fazenda Fortaleza, município de Cumari, uma proposta de imersão em um ambiente rural, ao longo de 10 dias, inserido no Programa Rede Nacional Funarte de Artes Visuais.

A trajetória deste objeto articula 3 sínteses provisórias: a construção da escultura pela junção de diversas serras articuladas, a instalação em distintas posições junto à uma árvore e, a sua manipulação na performance que o insere numa mina natural de argila. Estas sínteses substanciaram potencialidades estéticas singulares às sensações de cada estado e à especificidade dos espaços onde este objeto foi engendrado, lidando historicamente com a própria memória destes lugares. Seus sentidos plásticos e sensoriais pretendem atravessar a dimensão utilitária do objeto e exploram a princípio, sua condição de objeto cortante, contrapondo-lhe pela suspensão a sensação de leveza. Esta instalação deu-se na área denominada de campo limpo, território ocupado pela pecuária extensiva, onde esta árvore habita quase solitária uma vasta colina nua. É ela mesma, a testemunha de um processo de extração e corte já radicalizado ao extremo, restando apenas esparsos rastros de uma densa vegetação pregressa. Diante dessa memória e evidência do corte já instaurado, a queda iminente da árvore e do próprio objeto não inspiraram a antítese da sua função utilitária, desdobrando-se daí o interesse em dar continuidade ao movimento do objeto.

As imagens do objeto instalado na árvore, ainda que revelem a possibilidade deste existir em várias posições no espaço, ocultam quem o moveu, invisibilizam o processo de se relacionar com a materialidade da serra, sua contundência, violência, risco e peso. Ao transportá-la para a mina argila, um enclave territorial no contexto da fazenda, busca-se a emergência da memória deste espaço, que está embargado pela exploração irregular. A própria performance constitui-se como processo de ocupação de um território de impasse, diferindo-se da primeira instalação, onde o objeto se afirmava numa paisagem cujo sentido estabilizou-se pela função utilitária.

A mina de argila explicita pela sua memória a dimensão do risco e do corte. A experimentação traz o desejo de outros modos de ocupação, vinculados à dimensão sensorial e afetiva, à possibilidade estética inerente à terra. Na performance opera-se uma composição entre serra, corpo e argila, uma escultura viva, onde a escultora emplasta o próprio corpo com a matéria moldante, a argila, para a reconstrução do objeto e do corpo noutras formas e materialidades. Perde-se o sentido de escultura estática, assumindo a condição da transitoriedade de estados corporais e escultóricos, numa sucessão de engrenagens entre serra, argila e corpo. A serra como engrenagem do corpo, o corpo como engrenagem da argila, a argila como engrenagem da serra e múltiplas outras composições.

Minicurrículos

Ana Reis habita o cerrado, trabalha a performance e as poéticas do corpo, transita por diversas linguagens artísticas e explora os limiares entre a dança contemporânea e as artes visuais. Professora do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás, graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (2008) e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes – UFU (2011).

Carolina Fonseca atua nas mútuas interferências entre arquitetura, design e artes visuais, explorando a prática construtiva e os modos de ocupação dos espaços como referência central nos processos criativos. Graduada em design pela UFU, é mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA e doutoranda também nesta Universidade, onde se encontra vinculada ao grupo de pesquisa Lugar Comum.